

ENTREVISTA COM LARA DE LEMOS, POR CINARA FERREIRA

Lara de Lemos nasceu em 22 de julho de 1925, em Porto Alegre/RS. Apaixonada pelo meio jornalístico, a autora colaborou com os periódicos gaúchos *Correio do Povo* e *Zero Hora*, e cariocas *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. Colaborou ainda com a *Revista Diadorim*, de Minas Gerais, e com a revista *Colóquio-Letras*, de Lisboa. Lara de Lemos estreia na literatura em prosa com a publicação de dois contos na *Revista do Globo*¹: “Homem no bar” e “Mulher só”, em 1955. Em 1962, com mais oito escritores, publica quatro contos na coletânea *Nove do sul*: “Um ser delicado”, “Em meio da noite”, “Viagem” e “D. Eufrásia”. Entre os escritores que participam deste livro, estão Josué Guimarães, Moacyr Scliar e Tânia Faillace. Os textos publicados inicialmente em jornais são reunidos, em 1963, no livro *Histórias sem amanhã*. Na poesia, gênero predominante em sua produção, sua estreia foi com o livro *Poço das águas vivas* (1957), pelo qual recebeu o Prêmio Sagol. Sua obra constitui-se ainda dos seguintes títulos: *Canto breve* (1962), *Aura amara* (1969), ganhador do Prêmio Jorge de Lima, do Instituto Nacional do Livro; *Para um rei surdo* (1973); *Amálgama* (1974), que reúne poemas dos livros de poesia anteriores; *Adaga lavrada* (1981); *Palavravara* (1986), *Haikais* (1989), edição da autora, com ilustrações de Mario Wagner; *Águas da memória* (1990), Prêmio Nacional de Poesia “Menotti del Picchia”; *Dividendos do tempo* (1995), Prêmio Açorianos de Literatura: melhor livro de Poesia; *Inventário do medo* (1997); *Lara de Lemos: antologia poética* (2002), Prêmio Açorianos de Literatura, categoria melhor livro de poesia; *Passo em falso* (2006). No ano de 1985, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre concedeu-lhe o Diploma de Mérito Cultural pelo conjunto de sua obra e, em 1997, a autora recebeu o Diploma de Personalidade Cultural, da União Brasileira de Escritores. Em 2017, sob minha organização, publicou-se *Lara de Lemos: poesia completa*, pelas editoras Movimento, EDPUCRS, Vidrágua e LiquidBook. A entrevista que segue foi concedida pela autora em 14 de janeiro de 2009, na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

CINARA - O que a levou a começar a escrever e como foi a sua estreia na literatura?

LARA - Foi uma coisa muito interessante. Eu perdi meus pais cedo. Com cinco anos, não tinha pai nem mãe. Perdi o pai com quatro e a mãe com cinco. Então, eu fui criada pela minha avó, que era uma pessoa doce, maravilhosa. Como fui cedo para a escola, com sete anos, eu já escrevia. Quando chegava em casa, eu ficava tão desesperada, eu tinha tanta vontade de escrever, que eu escrevia nas paredes. Escrevia, desenhava nas paredes. Um dia, a minha avó ficou muito aborrecida comigo. Ela me disse: “Gabi (naquele tempo me chamavam de Gabi), você está sujando a casa, não pode ser, minha filha.” E eu respondi

¹ A *Revista do Globo* foi um periódico editado quinzenalmente pela Livraria do Globo, em Porto Alegre/RS, entre 1929 e 1967.

para ela: “Não, vizinha, eu vou fazer um versinho para você. Aí eu fiz. O que eu sabia desenhar era um barquinho. Então, para ela ficar de bem comigo, eu escrevi: “Neste barquinho, vizinha querida, vai um pouquinho da minha vida.” Aí, ela me deu um beijo, me agradeceu e ficou de bem comigo. Desse modo, eu comecei a escrever com sete anos. Mas, depois, quando eu estava no colégio, no colégio primário, uma menina me disse: “Gabi, faz um versinho para o meu cachorro.” E eu disse: “Querida, faz você. É tão simples. A gente só combina (Eu nem sabia o que era combinar), a gente combina as palavras e sai um verso. Faz quatro versos combinados.” Aí, ela me disse: “Eu não consigo”. Eu fiquei muito impressionada com a resposta dela e, então, escrever passou a ser, não uma coisa boa, mas um defeito, como se eu tivesse uma corcunda. Então, eu me calei totalmente e não escrevi mais poesia, até chegar à faculdade. Com dezessete anos, fizeram um concurso na faculdade. Aí, eu tive coragem de escrever. Escrevi alguns poemas, de que não me recordo mais, para a Revista *Província de São Pedro*. Eu ganhei o primeiro prêmio. Eu não me lembro quanto eu ganhei, mas lembro que comprei um anel. E, depois, com 18 anos, eu fui estudar na PUCRS, em Porto Alegre. Eu fiz História e Geografia. Eu tinha um certo constrangimento, porque a minha poesia era uma coisa muito íntima, muito minha. Um dia, o meu tio que me criava (eu fui criada pela minha avó e pelos meus tios – ela era irmã de minha mãe e ele era o esposo), me perguntou: “Por que você ganhou um prêmio?” Em vez de responder, eu comecei a chorar. Aquilo me tocava. Com o passar do tempo, eu aceitei o fato de que só podia escrever assim. Quando tinha que fazer uma redação, eu perguntava para o professor “não dá para fazer rimado, em verso?” E ele dizia: “Não, tem que ser em prosa”. Então, eu comecei a ver que era uma coisa particular. Daí é que eu fui escrever o meu primeiro livro, *Poço das águas vivas*. O título foi inspirado em uma passagem da Bíblia. Eu achei tão bonita a expressão “poço das águas vivas” e a usei como título do meu livro. Este foi o primeiro livro. E, casualmente, o Instituto Nacional do Livro, do Rio de Janeiro, fazia um concurso e eu resolvi mandá-lo, claro, com pseudônimo, e ganhei o concurso. Foi uma coisa extraordinária para mim. Fiquei muito comovida. Essas coisas me comoviam muito. E até eu fiquei mais impressionada, porque estávamos em um governo militar e eu, realmente, não concordava. No aeroporto, eu encontrei com um político, que foi candidato a um cargo em Porto Alegre na época e, há pouco tempo, no Rio de Janeiro. Eu me lembro que disse para ele: “Imagina que vergonha, se eu ganhar um prêmio desse governo. Eu vou ter que receber o prêmio do representante do Ministério da Educação desse governo. Isso está me deixando muito aflita, atrapalhada comigo mesma.” Aí, ele disse: “Lara, os políticos passam, os poetas ficam. Não fique constrangida. Se você ganhar é porque você merece. Realmente, eu ganhei o meu primeiro prêmio em Brasília. E, depois, eu continuei escrevendo. Para mim, escrever em verso era uma honestidade. Eu escrevia tudo em verso, todos os meus problemas, a minha confidência era a minha poesia. Minha poesia era muito confidencial, até certo ponto. Depois, crescendo, vivendo, eu comecei a escrever sobre política. Eu frequentava um

ambiente politizado. O pessoal da PUC/RS tinha lá suas opiniões. Então, eu fiquei com uma opinião muito ruim do governo militar e passei a ver isso de uma outra maneira. Eu escrevi muitos poemas, como os do livro *Para um rei surdo*, que eram poemas para um rei que era como se fosse surdo, ou seja, um rei que não sabia das coisas que o povo vivia. Eu gosto muito desse livro, porque foi o primeiro livro que eu saí de mim mesma. A tendência da mulher é fazer uma poesia mais lírica, mais ligada ao amor. Eu, então, comecei a ver outras coisas. E daí por diante, eu comecei a escrever muito sobre política, sobre os 21 anos do governo militar. Eu escrevi muitos livros. Então, eu continuei escrevendo assim. Eu escrevi outras coisas também. Eu escrevi crônicas para jornais (que deram origem ao livro *Histórias sem amanhã*). Eu recebia muitas cartas de gente interessada pelos assuntos que eu escrevia. E, depois, escrevi para vários jornais, sempre crônicas. Sempre me escondendo um pouco. O fato de escrever sempre foi uma coisa muito particular e, talvez, dolorosa, porque eu escrevia coisas íntimas. Até tinha uma moça que trabalhava comigo na *Última Hora* que era muito interessante, muito alegre. Ela se dava muito bem com os homossexuais. Fizeram um baile para os homossexuais e convidaram esta moça para fazer a cobertura do evento, mas ela não pôde ir. Então, me mandaram, porque eu conhecia os tecidos, os bordados, e acharam que eu seria a pessoa ideal. Eu não queria ir, mas acabei indo. E, quando eu ia entrando, eu encontrei um colega, na porta. Ele disse: “Dona Lara, a senhora aqui?” Ficou chocadíssimo e eu fiquei mais chocada ainda, fui para o carro e não voltei mais. Uma vez, eu perguntei para o meu analista “por que eu me chocava tanto com certas coisas. Se eu trabalhava como jornalista e me deram uma função, por que eu fiquei tão chocada?” O pior é que o meu analista era judeu e, como judeu, ele era bastante reacionário. Ele disse: “A senhora não devia ter ido, a senhora é uma mulher casada com um político. A senhora fez muito bem em se sentir mal.” Aí, eu fiquei um pouco indignada com aquilo e disse para ele: “Eu estou lhe procurando como médico. Se eu quisesse um padre, seria mais barato.” Ele ficou muito ofendido e eu nunca mais voltei ao consultório dele.

CINARA - Em 1955, a senhora publicou dois textos em prosa na *Revista do Globo* e, em 1957, foi premiada pelo livro *Poço das águas vivas*, publicado logo em seguida pela Editora Globo. No mesmo ano, iniciou sua coluna semanal “Passeio no tempo”, no *Correio do Povo*. Inicialmente, a que gênero literário a senhora se dedicou mais. Por quê?

LARA - Bom, eu me dediquei mais à poesia nos 14 livros que eu escrevi. Tenho só um livro de contos e um de crônicas. Os outros todos são de poesia. Eu acho que a gente nasce poeta. A partir daquele versinho que eu escrevi para a minha avó, eu posso dizer que eu me descobri poeta. Daí para diante, eu escrevi com muita facilidade. Tudo o que me tocava, eu transformava em poesia. Uma vez, o Mário Quintana me disse uma coisa muito curiosa sobre esse negócio. Ele disse: “Lara, tudo o que você escreve é doloroso, a sua poesia é triste, mas quando você fala você é alegre.” Nós éramos colegas no *Correio do Povo*. Ele

tem coisas fabulosas. Ele escrevia para o jornal e, um dia, o gerente, um homem importante, olhou para ele e disse “eu gostei muito dos seus versinhos”, e o Quintana olhou para ele e respondeu “obrigado pela sua opiniãozinha”. Foi uma resposta muito engraçada.

CINARA - A senhora graduou-se em História e Geografia, em Pedagogia, em Jornalismo e Comunicação e em Direito. Coursou, ainda, uma especialização em Literatura Inglesa e Literatura Contemporânea nos EUA. Como foi realizar tantos cursos e exercer diferentes atividades profissionais em um período histórico em que as mulheres, em geral, ainda não tinham um acesso tão grande (como o de hoje) ao Ensino Superior e a uma profissão?

LARA - Bom, o que aconteceu comigo foi que eu casei muito cedo com um homem muito inteligente e muito liberal. Ele gostava que a mulher trabalhasse e estudasse. Em certa ocasião, ele foi convidado a fazer um curso nos EUA, e ele me levou junto. Eu deixei as crianças com a avó. Eles eram pequenos, tinham 3 e 4 anos, mais ou menos. Nos EUA, eu tive oportunidade de estudar literatura. Eu fiz também um curso de desenho à mão. Assistia a filmes de grandes pintores. Durante muito tempo, eu fiz poesia e pintura.

CINARA - Em 1975, em comemoração ao Ano Internacional da Mulher, a senhora proferiu uma conferência sobre “A mulher na Literatura”, a convite do Centro de Informações das Nações Unidas e Associação Brasileira de Imprensa. Qual foi a sua visão da mulher na literatura naquele momento? Na sua opinião, qual é o papel da literatura na emancipação feminina ocorrida no século XX?

LARA - Eu acho que na realidade não existe uma poesia feminina e uma masculina. Existe uma poesia, bons e maus poetas. Eu não vejo diferença. Agora, eu noto que mulheres são mais líricas em geral e eu escapei um pouco disso. Como eu tive uma experiência como jornalista, eu via os problemas. Eu nunca entrei no PC. Eu era apenas uma pessoa liberal. Era contra a violência da ditadura, mas eu não era uma pessoa de partido, nunca fui.

CINARA - Em entrevista de 1987, concedida ao Instituto Estadual do Livro, ao comentar o livro *Poço das águas vivas*, a senhora afirmou que “toda a mulher que escreve começa se indagando” (1987, p. 6). A literatura lhe trouxe as respostas que buscava? Quais?

LARA - Eu tinha muitas perguntas, porque eu era muito sacrificada, no sentido de que eu era secundária, pois o que interessava na família era o que o homem pensava. Eu achava isso errado. Até eu tenho uma poesia em que eu falo que “você se dá um pouco a um, um pouco a outro” e não sobra nada para você. Era esse o meu grilo com o casamento. Por que a mulher tinha que ficar numa posição tão inferior? Acho que a poesia me deu a ideia de que não há isso. Está na cabeça das pessoas, mas a poesia é poesia, não importa se é de mulher ou de homem. Uma boa poesia é uma boa poesia. Eu acho que não tem essa distinção. O conflito vivido como mulher refletiu muito no início. Depois não mais. Lendo o que eu escrevi, você vai encontrar esse conflito. No meu primeiro livro, eu tenho muitos

poemas que se referem à condição da mulher, à condição prisioneira da mulher. A questão da mulher não poder sair sozinha, nem escolher sozinha. Havia uma visão de que a mulher tinha que olhar só para a família, só para o homem, só para a comida que ele gostava. Era muito estranho. Eu falei disso mais nos dois primeiros livros. Depois, eu deixei esse tema de lado.

CINARA - A senhora é uma das poucas mulheres presentes na historiografia literária sul-rio-grandense. Como foi escrever e publicar em um contexto em que poucas mulheres foram reconhecidas pelo seu talento literário?

LARA - Olha, eu acho que eu tive muita sorte. Quando eu levava os meus originais para o Instituto Estadual do Livro (eu tive amigas lá, mas morreram), eles eram aceitos para publicação. As mulheres são boas comigo em geral e elas publicaram os meus livros. No início, havia um preconceito, porque eu vi que não era uma coisa que todo mundo tinha. Era como ter um nariz diferente ou uma corcunda. Então, todo mundo olhava mais para a corcunda do que para a pessoa. Eu tinha até medo de falar de poesia. Eu não falava em casa. Quando meu tio descobriu que eu escrevia, eu chorei muito, como se eu estivesse fazendo uma coisa errada. Mulher tinha que lavar roupa. Eu costurava, fazia tricô, crochê. Eu era até uma mulher bem comportada. Depois, eu me apaixonei pela literatura.

CINARA - Os estudos sobre a mulher na literatura defendem que a escrita feminina distingue-se da escrita masculina, pelo tipo de vivência diferenciado de homens e mulheres em nossa sociedade. A senhora acredita que exista uma “escrita feminina”? Quais seriam as marcas da literatura produzida por mulheres?

LARA - A grande diferença que há é a visão que a mulher pode ter: ou para si mesma ou para o mundo. A maior parte das mulheres só olha para si mesma.

CINARA - A partir do seu segundo livro de poesia, *Canto breve* (1962), observa-se que sua escrita evolui “do subjetivo para o social” (1987, p. 6). Inegavelmente, a questão social é um tema recorrente em suas obras, em prosa e poesia. No entanto, seus textos não deixam de expressar a subjetividade, mesmo quando se voltam para os temas sociais. Nesse sentido, pode-se dizer que, ao longo de sua trajetória literária, há uma inter-relação entre **subjetividade** e **objetividade**, ou seja, uma imbricação entre o **eu** e o **mundo**?

LARA - Há. Até hoje, quando eu vejo o que acontece no mundo pela televisão, eu me impressiono muito e sonho. Quando eu escrevia poesia, eu sonhava também e escrevia os meus sonhos. Eu tinha um caderno para escrever os meus sonhos.

CINARA - Theodor Adorno afirma que “as emoções e as experiências individuais se tornam artísticas quando, em virtude de seu tomar-forma estético, adquirem participação no

universal” (1980, p. 193-4). Em que medida a sua experiência individual constitui ponto de partida de seus textos?

LARA - Tudo o que é meu parte de alguma coisa minha, de alguma coisa que eu senti. Eu sou muito sensível e os meus textos partem todos daí. Eu não consigo olhar só para mim. Tanto é que agora que eu estou na cama, eu não escrevo de jeito nenhum.

CINARA - A leitura de *Adaga lavrada* (1981) e *Inventário do medo* (1997) dá uma ideia bastante clara do quanto foram difíceis os anos da ditadura para a senhora. Sabe-se que muitos intelectuais foram presos nessa época apenas por serem suspeitos de discordar do regime ou por terem assumido publicamente suas convicções políticas. No seu caso, o que gerou a sua prisão? Poderia falar um pouco sobre essa experiência?

LARA - Havia um grupo de escritores que se dedicava a escrever, não contra, mas numa posição oposta aos políticos. Esse grupo todo foi preso e eu fui junto. Essas prisões eram horríveis, pela maneira que nos tratavam. Eles nos colocam um capuz no rosto e empurravam numa escada abaixo. Eu não sabia em que ia pisar ou cair. Muito desagradável. Um dia, eu perguntei para eles: “Por que vocês não me matam de uma vez?” Eles riram de mim e perguntaram: “Como a senhora quer morrer?” Eu respondi: “De uma vez só, da maneira mais rápida possível, pois eu estou muito cansada desse tratamento.” E, depois que eles nos reduzem a nada praticamente, eles nos deslocam para outra prisão, onde eles dão comida para engordar, para que as pessoas não se deem conta do que eles fazem. É uma coisa tão esquisita isso. Eles te fazem comer, compram revistas femininas, imagina. Quando eu saí, eu estava tão diferente que as pessoas nem me conheciam, magérrima, horrível. Fui presa duas vezes. Uma vez foi com esse grupo de escritores. Até a Ana Arruda estava comigo.

CINARA - A sua segunda prisão teve algo a ver com a prisão de seus filhos?

LARA - Sim, isso foi uma coisa terrível. Eles me prenderam e falaram para o meu filho que iam me torturar se ele não contasse o que eles tinham feito. Graças a Deus, o meu filho não acreditou. Da primeira vez, eu fiquei desesperada, porque prenderam os meus dois filhos. Eu ia muito lá, mas eu conversava com eles e eles não me levavam a sério. Sabe, quando a pessoa tem todo o poder e você não tem nenhum. É assim, eles te tratam mal. O meu filho mais velho ficou preso muito tempo. O meu filho menor foi solto antes, porque ele só tinha dezesseis anos. Esse período foi horrível. Eu tinha sonhos e pesadelos com eles, horríveis. E, por acaso, no edifício em que eu morava, na porta seguinte, morava um americano que tinha vindo ensinar os brasileiros a como tratar e torturar os presos políticos. Eu tinha que ver esse cara todos os dias. Eu abria a porta e dava com ele.

CINARA - Qual foi a sua participação no Teatro de Equipe? Comente a importância do Teatro de Equipe na sua formação intelectual.

LARA - Foi bastante grande. Eu me dava bem com o Mario de Almeida, ele me pedia roupas para as encenações. Eu me lembro de uma peça dele chamada “O despacho” que ficou seis meses em cartaz. Eu lia muito teatro. Eu tinha uma ligação bastante grande com o Mario de Almeida. No tempo do Brizola, nós escrevemos o Hino da Legalidade, que eu, por sinal, acho terrível em relação a tudo o que eu já escrevi em poesia: “Avante, brasileiros de pé / Unidos pela liberdade / Marchemos todos juntos com a bandeira / Que prega a lealdade / Protesta contra o tirano / E recusa a traição / Que um povo só é bem grande / Se for livre sua nação”. Fiz um hino bem hino...

CINARA - Na crônica “Do escrever”, do livro *Histórias sem amanhã* (1963), a senhora afirma que “escrever (ou pintar, ou compor) não é um ato gratuito, é um desejo de mudar a vida. De fundá-la em bases mais justas, mais decentes, mais amplas. É uma não aceitação do mundo tal como é” (1963, p. 9-10). Gostaria que a senhora comentasse a relação entre a literatura e a possibilidade de mudar o mundo.

LARA - Hoje, eu estou mais lúcida, porque eu estou muito mais velha e eu acho, sinceramente, que a poesia é capaz de mudar muita gente, mas um país, não. Nós temos grandes escritores aqui, que falam sobre o Brasil da maneira mais maravilhosa, mas infelizmente, o número de pessoas que leem é pequeno. Então, não há como mudar.

CINARA - Em entrevista ao IEL de 1987, a senhora menciona que os anos da ditadura “representaram um dos momentos mais altos da poesia brasileira, revelando toda a dignidade do ser humano” (1987, p. 7). Na sua opinião, qual é o papel da literatura em tempos de repressão política?

LARA - É uma coisa curiosa, porque em tempos de repressão política, a gente tem que encontrar outras maneiras de se expressar e, então, surgiu até a poesia concreta, da qual eu fiz parte. Eu fiz um livro, *Para um rei surdo*, que tinha uma parte de poesia concreta. Eu escrevi alguns poemas experimentais: o “SOS”, o “Tempo do homem”. Eu participava de um grupo que escrevia poesia concreta. Como a gente não podia falar, a gente escrevia. Era um grupo muito bom, que tinha aqui no Rio e eu pertencia a esse grupo.

CINARA - Na sua opinião, qual é o lugar da literatura no mundo contemporâneo, levando-se em conta o processo de globalização?

LARA - Infelizmente, eu acho que a literatura no mundo da globalização tem um lugar pequeno, cada vez menor, porque parece que hoje o mais importante é o problema do dinheiro, o problema da posse, o problema do ter. O problema do ter é muito importante hoje em dia. Ele cobre todos os outros problemas. Então, eu acho que a poesia, que é praticamente o ser, o ser do homem, não está sendo muito ouvida. Essa é a minha impressão.

CINARA - Como a senhora percebe a leitura no mundo atual?

LARA - De uma maneira muito negativa, mesmo por causa da minha situação pessoal. Eu não posso ver. Eu fico muito triste ao ver que eu não posso fazer nada. Eu me sinto muito alijada de tudo.

CINARA - Que autores a influenciaram? Que autores a senhora lê regularmente?

LARA - Um autor que eu li muito e acho que me influenciou foi o Fernando Pessoa. Eu leio bastante. Agora, eu estou relendo o *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

CINARA - A Lara de Lemos de hoje é a mesma de *Poço das águas vivas* (1957)? O que mudou? A senhora considera que houve uma evolução no seu modo de escrever?

LARA - Eu não sou a mesma Lara, porque eu sofri uma situação independente de mim, que foi um acidente muito grave, há 12 anos. E, depois desse acidente, eu não tive condições nem de escrever, nem de lembrar. Poeticamente, houve fases na minha poesia. Eu escrevi sobre política, sobre a cidade, sobre o amor.

CINARA - A senhora é considerada uma das poucas mulheres brasileiras a produzirem uma poesia social, sendo comparada a grandes poetas como João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, com os quais dialoga abertamente em seus textos. O que a senhora pensa dessa comparação? Qual é a importância desses poetas na configuração da sua visão da sociedade e na sua concepção de literatura?

LARA - Eu escrevi algumas vezes para o João Cabral de Melo Neto e ele me respondeu. Eu não sei se eu tenho as cartas. Eu me acho muito longe desses dois grandes escritores. Eu acredito que eu não chego nem perto deles de tão bons que eles são. Eu batalhei muito para escrever e publicar os meus livros. Eu nunca me considerei uma grande poeta como eu considero, por exemplo, a nossa grande escritora Cecília Meireles. Ela tem livros maravilhosos.

CINARA - O livro *Passo em falso* (2006) faz uma clara alusão ao acidente que a senhora sofreu há 12 anos. Como foi escrever esse livro? A literatura desempenhou um papel catártico nesse caso?

LARA - Acho que sim. Foi uma maneira de me livrar do pavor, porque foi um pavor. Foi uma queda de dez metros, batendo em um muro de pedra e em um portão de ferro. Foi terrível. Eu tive 36 pontos na cabeça. Um olho saiu do lugar. Foi horrível. E, para me livrar, eu escrevi essa poesia. Ela é catártica. Não que eu goste dela. Tem coisas que eu não gosto de escrever. Eu não gostei nem um pouco de ter escrito esse livro, mas escrevi e me fez bem.

CINARA - *Inventário do medo* foi catártico também?

LARA - Acho que foi catártico no sentido de elaborar a perseguição aos meus filhos. Aquilo me doeu muito. Foi muito terrível. Naquela poesia, eu me liberei disso. Eu me liberei de coisas terríveis escrevendo. Eu gosto desse livro, porque ele é absolutamente real.

CINARA - Que livro seu mais lhe agrada? Por quê?

LARA - O livro que mais me agrada, realmente, é o *Inventário do medo*, porque toca num momento muito importante da minha vida, quando perseguiram e até prenderam os meus filhos. Então, foi muito doloroso e eu me liberei disso escrevendo. Eu acho que escrever é bastante catártico.

CINARA - Ao longo da sua obra, há vários textos que têm como tema o fazer poético, a palavra, o poema e a poesia. Qual é o significado do ofício poético para a senhora?

LARA - Eu acho que não existe um significado. Quando eu escolho uma carreira, eu escolho uma vida. Se eu escolher ser padre, eu estou escolhendo uma vida. Agora, a poesia não é assim. Você não sabe por que ela vem, nem por que ela vai embora. Agora, ela foi embora por causa do acidente. Mas, você escreve porque você escreve. Para mim, ela não é uma escolha, é quase que um destino. Eu penso que é muito mais um destino do que uma escolha. Agora, as outras carreiras são escolhas. Eu fui professora por escolha, mas fui poeta por destino.